

Diversão & Arte

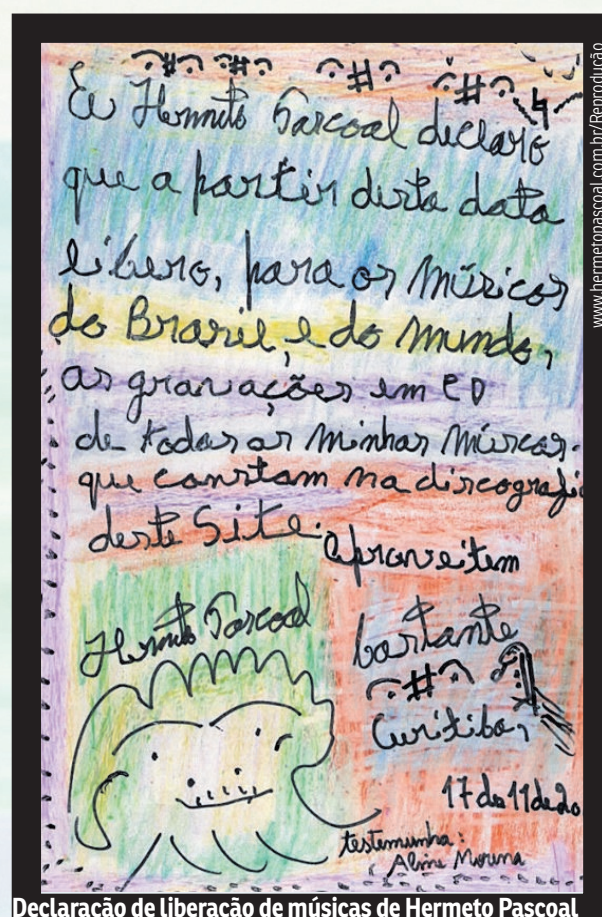
Esdras Nogueira: ele começou a apreciar Hermeto Pascoal ao assistir os shows no Clube do Choro

Gilberto Alves/CBD/A Press



Esdras Nogueira, saxofonista da banda brasileira Móveis Coloniais de Acaju, lança primeiro disco solo com músicas do compositor alagoano e recebe elogios do mestre

Como se fosse Hermeto



Declaração de liberação de músicas de Hermeto Pascoal

» JULIANA FIGUEIREDO

Em novembro de 2008, o compositor e multiinstrumentista alagoano Hermeto Pascoal escreveu em giz de cera uma declaração que liberava a gravação de qualquer uma das mais de 600 músicas catalogadas em seu site para músicos do Brasil e do mundo. Seis anos depois, Esdras Nogueira, saxofonista da banda brasileira Móveis Coloniais de Acaju, lança *Capivara*, disco instrumental que homenageia o grande músico brasileiro por meio de releituras de nove canções feitas com o sax barítono.

"Eu sempre fui muito fã do Hermeto. Cresci musicalmente com ele. Conheci o seu trabalho no Clube do Choro, na época da faculdade, e sempre tive vontade de fazer um show com canções dele. É uma música muito rica, complexa, forte, única, brasileira. Não é só samba nem só jazz nem só forró. Além de toda a admiração, a declaração que ele fez me estimulou muito. Achei uma atitude tão generosa, tão à frente do seu tempo, que pensei: vou gravar um disco só com músicas dele", relewa Esdras.

Apesar da liberação prévia, o primeiro passo do saxofonista foi entrar em contato com Hermeto para ter certeza de que poderia regravar as músicas. "Pedi autorização e ele respondeu: 'Claro, pode gravar tudo'. Eu falei: 'Sério? Que maravilha'. Fiquei muito feliz", conta. Na sua pesquisa por referências, Esdras se deparou com faixas de Hermeto regravadas por pessoas do mundo inteiro, principalmente estrangeiros. "Tem gente do Japão, dos Estados Unidos", lugares onde o artista é reverenciado, completa Esdras. Nos EUA, ele foi chamado de "mítico" pelo *New York Times*; e, no Japão, tem um fã-clube de 4 mil pessoas.

"Aqui no Brasil, precisamos valorizar mais o trabalho de Hermeto. Ele tem que ser tocado, estudado nas universidades. Um cara como ele não pode ser esquecido. As pessoas têm que conhecê-lo. Eu gravaria outro disco com mais nove músicas dele facilmente", afirma Esdras, que conta um pouco da história do ídolo ao fazer uma seleção de faixas que navegam por diferentes momentos da carreira. "Fui aos shows, pesquisei, descobri coisas que não conhecia e escolhi músicas que achei que soariam bem com o sax barítono, que tem um som mais grave e uma roupagem melódica forte", conta.

Uma parceria com o sax

Hermeto Pascoal, que domina incontáveis instrumentos — sanfona, piano, flauta transversal, bateria, violão, trompete, escaleta e diversos outros — tocou muito sax durante os anos 1980. Esdras, que começou

a estudar o instrumento aos 14 anos e, em 2005, concluiu o curso de bacharel em saxofone na Universidade de Brasília, procurou fazer releituras que não perdessem a essência da música de Hermeto e que, ao mesmo tempo, acrescentassem um pouco de sua própria visão.

"O sax geralmente não é solista. Ele é mais usado para fazer acompanhamento, dar cama aos outros instrumentos. Mas acho que ele trouxe uma roupagem interessante às músicas", opina Esdras. Apesar da faixa *Capivara* nomear o disco — "escolhi esse nome porque acho que tem a ver com Brasília. Quando tocava com amigos na beira do lago, tinha um monte de capivaras" —, as três primeiras canções do álbum são as preferidas do artista brasileiro.

Viva o Rio de Janeiro, música de Hermeto gravada pelo pianista Jovino Santos Neto, em 1997, é a primeira delas. "É um samba que ganha uma roupagem bem legal com o tamborim e traz espaço para improviso com o jazz. Já *Frevo em Maceió* faz uma mistura interessante de frevo com a formação de banda: guitarra, baixo e bateria. As pessoas acham que Hermeto só tem músicas experimentais, mas *Balaio*, por exemplo, é uma balada, com uma melodia simples, calma, que agrada qualquer pessoa. Quem escutar, vai gostar", acredita Esdras.

Com ajuda da turma

Neste disco, Esdras teve a participação de importantes músicos de Brasília: Dudu 7 Cordas, Marcus Moraes, Vavá Afiouni, Célio Maciel, Leo Barbosa e Gustavo Dreher. "São todos amigos com quem eu divido uma grande afinidade musical. Fizemos apenas três takes para cada faixa. Foi um resultado do momento. A música instrumental tem essa coisa de ser mais orgânica", conta. O saxofonista faz o primeiro show do disco na próxima sexta, na Sala Funarte Cássia Eller. "O Móveis está com a agenda apertada. Preciso encontrar brechas para apresentar o *Capivara*. Mas, ano que vem, pretendo rodar mais com o álbum", sinaliza.

Para Esdras, Hermeto é uma grande influência na hora de compor e de se apresentar com o Móveis Coloniais de Acaju. "O show do Móveis é muito para cima, muito de improvisação. Essa coisa de deixar acontecer tem tudo a ver com o Hermeto. Cada show dele leva uma pegada diferente e, ao mesmo tempo, uma marca única, uma identidade que não tem igual. Ele foi a primeira pessoa para quem eu entreguei o disco. Nunca tocamos juntos. Para mim, seria uma alegria muito grande. Vamos ver se dá caldo", brinca o talentoso admirador.

600
Quantidade aproximada de canções compostas por Hermeto Pascoal



Hermeto Pascoal gostou de ouvir o disco de Esdras: as composições ficaram diferentes, sem perder a essência

Cinco perguntas // Hermeto Pascoal

Você ouviu o disco *Capivara*?

Ouvi, está muito bom. Fiquei contente com a interpretação das músicas. Elas ficaram diferentes sem perder a essência. Eu componho com vontade que as pessoas toquem. Se ele tivesse conversado comigo antes, eu até teria dado algumas ideias. Mas o Esdras começou bem, ele vai longe.

O que acha da música que é feita hoje?

A qualidade caiu demais. Estão criando modismos, desmanchando e recriando gêneros. Os produtores espertos pegam músicos sem experiência e criam o "sertanejo universitário", como se fosse uma coisa nova. O novo malfeito é pior do que o velho benfeito. Falo isso com amor, construtivamente, não para destruir.

Você vê a internet como algo positivo?

A internet faz bem e faz mal. Com o computador, pessoas que teriam que estudar para se tornarem músicos já estão tocando, compondo, fazendo arranjos. Elas escolhem o instrumento que querem e simplesmente apertam um botão. Não sou contra, mas acho que essa música está deixando a desejar. Tudo que começa de cima para baixo tende a cair. O som também é muito ruim. Ninguém se importa com a qualidade da música. Ao mesmo

tempo, eu saí do esquema com as gravadoras e hoje não sinto falta delas por causa da internet. Estou falando com a imprensa muito mais rápido. Para quem sabe aproveitar, é maravilhoso.

O que te incentivou a liberar as suas músicas para qualquer um gravar?

Tenho mais interesse em que o povo escute a minha música do que em ganhar dinheiro. Componho todos os dias pensando no povo. Eu não vou conseguir gravar nem 10% de tudo que eu tenho. Embora eu esteja chegando a 6 mil músicas, eu não me preocupo com quantidade e, sim, com qualidade. Para mim, escrever é uma terapia. Só vou parar quando morrer.

Você acredita que a sua música é mais valorizada fora do país?

Acho que não, porque eu não vejo mudança no público nos lugares onde eu toco. Acho que a diferença é que o povo brasileiro é muito sofrido, não tem as mesmas oportunidades que as pessoas têm lá fora. Mas faço uma música universal, que tem como objetivo unir as pessoas. Quando a música é boa, ninguém tem preconceito.

www.correio braziliense.com.br
Escute faixas de *Capivara*.